

FALA ICH!

edição nº 1, maio 2020



FALA ICH!

O informativo eletrônico oficial do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora



Foto: Divulgação UFJF

EDITORIAL

Desde os primeiros meses de 2020, de um modo totalmente inesperado, o cotidiano de grande parte das sociedades contemporâneas começou a ser assombrado pela pandemia do Covid-19. Atualmente, apesar da subnotificação de casos dessa doença, a cada dia o Brasil bate o infeliz recorde na escalada do número de mortos. Na maioria dos municípios, diversas atividades estão suspensas, lojas e espaços comerciais fecharam suas portas, escolas públicas paralisaram suas aulas, enquanto aumenta o número daqueles que nos esperam nos cemitérios. E assim, o silenciamento abrupto de tantas vozes segue perturbando o nosso sono. Enquanto isso, o noticiário cumpre diariamente o papel de um fantasma, a nos assustar com falas terríveis, notícias que trazem à memória a figura daquele infeliz retirante, do visceral poema de João Cabral de Melo Neto.

As consequências sociais, culturais, políticas e econômicas desta pandemia ainda são imensuráveis. Apostas otimistas disputam espaço com previsões no mínimo preocupantes. Enquanto alguns acreditam em um belo e promissor recomeço, na afirmação de uma nova consciência planetária, marcada pelo aumento da solidariedade entre os povos, outros preveem o avanço do neofascismo, com o consequente aprofundamento das desigualdades sociais, da intolerância religiosa, do machismo, do racismo e da homofobia. Por um lado, há aqueles que se perguntam qual será o lugar da diferença em um novo mundo pós-pandemia. Por outro, alguns já se apressam em responder: E daí se esses "outros" morrerão literalmente ou se suas vozes serão sepultadas em covas rasas?

E nós? Qual será "a parte que nos cabe deste latifúndio"? Como profissionais das ciências humanas, somos desafiados a participar ativamente deste processo. Nesse contexto, a pandemia certamente despertará outras possibilidades de compreensão de temas ligados às humanidades e às diversidades, a

despeito das intenções nefastas dos covaios que nos rondam. Como se nossa sociedade fosse uma grande Bacurau, em que morte e vida Severina caminham juntas, somos desafiados a desenterrar nossas armas criativas para esse novo combate. Assim, com base em novas ferramentas metodológicas, ou mesmo em velhos e potentes instrumentos afiados, poderemos ser, quem sabe, como aqueles personagens do filme *Narradores de Javé*, mobilizados para a defesa de sua própria comunidade por meio de uma nova escrita.

Como pesquisadores, professores ou extensionistas, seguiremos, de outro modo, como observadores participantes, como investigadores das respostas psíquicas, da sexualidade, dos fenômenos sociais, religiosos, geográficos ou históricos, da mobilidade humana, dos conceitos filosóficos ou do exercício da política. Em meio à pandemia, tudo o que é humano ficará mais evidente, mais necessário e urgente, mais desafiador e interessante e, por que não dizer, mais vivo e diverso.

Assim, se os encontros presenciais não são possíveis nem recomendados no momento, ainda podemos somar nossas vozes ao *Grito* de Munch ou quem sabe investir outros esforços no ato de falar, ouvir, pensar e refletir, de novas maneiras, sobre o humano em sua diversidade. Esta é, de alguma forma, a aposta deste periódico. Aqui nestas páginas, com o apoio e a participação ativa das bolsistas de treinamento profissional da área de comunicação do instituto, a direção do ICH propõe um encontro mensal, em que nossas atividades, ideias, reflexões, sugestões e trabalho são compartilhados. Por aqui, metaforicamente, poderemos abrir janelas, olhar espelhos ou frestas, rever professores, funcionários e alunos, sem máscaras.

Neste periódico, o leitor encontrará sugestões de podcasts, lançamento de livros, resenhas, entrevistas, entre outros. Em cada edição, publicaremos também a seção “As salas têm nome”, espaço dedicado à apresentação de uma síntese biográfica dos homenageados com placas no ICH. Mas se os nossos mortos ilustres terão muito a nos ensinar, o que dizer então dos vivos que fazem parte de nossa comunidade acadêmica e aram nossa terra? Nesta edição, conheceremos um pouco de parte da rotina dos Técnicos-Administrativos em Educação (TAEs) do ICH, que atuam em atividades remotas durante a quarentena. Veremos também como os alunos têm tentado dar continuidade a seus estudos, diante dessa nova realidade. Além disso, entraremos em contato com docentes do ICH – uma professora inclusive já trabalha em pesquisa acadêmica que envolve a Covid-19.

Felizmente, pensando bem, de modo diverso, nosso trabalho pode sim continuar vivo e nossa terra produtiva. Como um modo possível de enfrentamento dos fantasmas, nossa proposta-convite, a partir deste momento, é que você (TAE, discente ou docente) participe desse espaço, divulgue suas ideias ou projetos, enriqueça este periódico com sua contribuição. Queremos falar, ouvir, refletir e pensar alto juntos, alterando este estado de solitude decorrente da quarentena. Quem sabe assim seremos nós os agricultores vivos desses novos tempos? Desta forma, ao agregar vozes dissonantes de nosso instituto, conheceremos melhor a nossa própria terra, em sua diversidade ricamente perturbadora. Quem sabe assim teremos alguma condição de ousar e reescrever, minimamente, algumas linhas daquele poema, compartilhando aqui, humanamente, o nosso latifúndio?

**Robert Daibert Jr.,
Diretor do Instituto de Ciências Humanas**

Rotinas de trabalho e estudos repensadas em meio à pandemia

Representantes dos três segmentos contam como têm ajustado suas tarefas profissionais e acadêmicas ao período de isolamento social

Em dezembro de 2019, foi descoberto na China um novo vírus da família Coronaviridae. O primeiro alerta da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a doença foi emitido em 31 de dezembro de 2019, depois que autoridades chinesas notificaram casos de uma “misteriosa pneumonia” na cidade de Wuhan, sétima maior cidade chinesa, com 11 milhões de habitantes.

Com alto poder de contágio, a doença provocada pela variação originada na China foi nomeada oficialmente pela OMS como Covid-19, em 11 de fevereiro.

Com a circulação internacional de pessoas e a demora de governos para adotar medidas rígidas de proteção, tornou-se inevitável o surto do vírus ao redor do mundo. Foi necessário que a doença mostrasse ainda mais sua letalidade e potencialidade de contágio para que governantes tomassem providências para achatar a curva de contaminação, visto que o número de infectados mostrava-se maior que o número de leitos em hospitais.

Em vista disso, não havia medida mais eficiente que o decreto de isolamento social, ocasionando o fechamento temporário de universidades, escolas, comércios não essenciais e shoppings. Ainda assim, as universidades continuam encaminhando processos burocráticos e desenvolvendo projetos, mas à distância. Os funcionários agora se comunicam on-line (por aplicativos de mensagens instantâneas e plataformas desenvolvidas para chamadas de vídeo), os professores continuam desenvolvendo os projetos e pesquisas que podem ser feitos de casa, e aqueles alunos que estavam fazendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dissertação ou tese, também continuam

escrevendo e se comunicando com seus orientadores, só que virtualmente.

TRABALHO DE CASA

Para muitas pessoas, o trabalho remoto representa algo novo, então, pensando nesse cenário, conversamos com uma servidora técnico-administrativa em educação (TAE) e uma professora para entender como tem sido a adaptação a esta forma de trabalho, e com uma aluna do mestrado em Ciências Sociais, para saber como está desenvolvendo sua dissertação e estabelecendo a comunicação com o orientador.

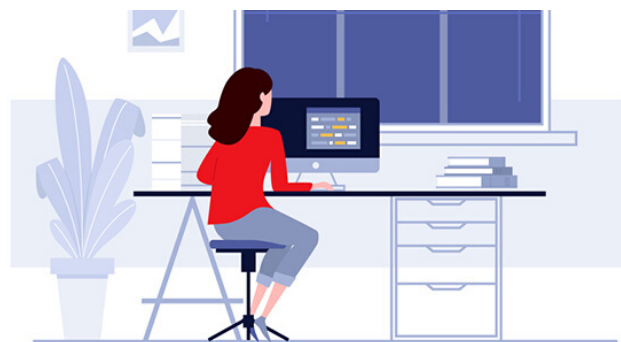


Imagem: Undrey/iStock

Para Camila de Carvalho Silva, técnica-administrativa que atua na Secretaria dos Programas de Pós-graduação do ICH, o trabalho remoto é uma solução para esse tempo em que estamos vivendo, mas pondera sobre a eficácia total do modelo. “Minha adaptação está correndo bem, embora seja complicado estabelecer uma rotina de trabalho 100% eficaz em casa, ora por interferências da internet, ora por demandas dos afazeres domésticos. O horário fica mais flexível, o que é bom nesta situação, mas sinto falta da rotina do trabalho presencial, com o horário certo para desempenhar meu trabalho.”

Camila conta que, para que não se disperse das demandas profissionais, procura trabalhar todos os dias no mesmo período, na parte da manhã. Quando necessário, o contato com os colegas de profissão têm se dado via e-mail e WhatsApp.

Sobre as atividades que têm sido feitas a distância e quais processos burocráticos são encaminhados normalmente, ela explica: "As defesas e qualificações estão ocorrendo via webconferência, mas a parte da documentação cuja entrega se faz necessária impressa, deve ser feita por e-mail. Quanto a outros processos, quando envolvem entrega e trâmite de documentação impressa (ofícios, por exemplo), estão suspensos até retornarem as atividades presenciais. Estamos ainda em época de preenchimento da plataforma Sucupira, que está correndo bem, pois tudo que diz respeito a ela é on-line."

Para a professora do Departamento de Ciências Sociais, Marta Mendes, a adaptação do trabalho à quarentena não tem sido fácil. "Tem sido muito difícil compatibilizar trabalho, cuidados com a casa, alimentação diária e cuidados com filho neste período. Tenho um filho de um ano e dez meses e o fato de ele não estar na escola impacta a minha capacidade de dedicação ao trabalho. Eu e meu companheiro dividimos todas as tarefas e, ainda assim, tem sido difícil."

A pesquisadora conta que, com as aulas suspensas, seu trabalho tem se voltado à pesquisa e à série de artigos relacionados ao novo coronavírus reunidos pelo núcleo de estudos que coordena. "Exige estudo, leitura diária, redação de artigos, relatórios, análise de dados, coordenação e reunião com equipe, etc.", explica, reiterando que também tem se dedicado à leitura de textos de seus orientandos que precisam se qualificar e/ou defender ainda este ano.

SAÚDE MENTAL NO ISOLAMENTO

Mestranda em Ciências Sociais, Gabrielle Marques tem mantido contato com seu orientador via e-mail e por Skype. Sobre a rotina de estudos, relata que no início da

quarentena não conseguia produzir, mas foi retomando aos hábitos de leitura e fichamento aos poucos, apesar da dificuldade em regular seus horários.

Estamos passando por um período de angústias, ansiedades e incertezas, sentimentos que podem afetar a saúde mental. Perguntamos à Gabrielle como tem sido seus cuidados neste âmbito, para que o acúmulo dessas sensações não interfira de maneira negativa em sua rotina e saúde. "Tento não consumir notícias sobre o coronavírus o dia inteiro. Me informo, mas também continuo fazendo coisas para me distrair, como cuidar das minhas plantas, brincar com meu gato, ler coisas que eu gosto e conversar e jogar on-line com meus amigos quando me sinto sozinha."



Imagem: autor desconhecido/Johns Hopkins University

Quando questionada sobre o que acha que vai mudar em seu comportamento pós-isolamento social, a mestranda afirmou: "Vou querer aproveitar mais os espaços da cidade que sempre digo que vou, mas nunca aproveito, como o Mamm (Museu de Arte Murilo Mendes), o Jardim Botânico e até mesmo ir ler nos finais de semana no gramado da UFJF."

Texto de Lavinia Sant'Anna e Carolina Doro

QUEM FAZ ACONTECER

O Instituto de Ciências Humanas tem orgulho em dispor de um amplo conjunto de professores com os mais diversos e relevantes objetos de interesse e áreas de atuação. Os frutos gerados a partir de pesquisas e projetos contribuem para a transformação da sociedade, seja através da coleta de dados para criação de políticas públicas, por exemplo, ou de projetos de extensão em conjunto a comunidades.

Esta seção do Fala ICH! visa apresentar determinado professor ou professora e divulgar suas pesquisas e projetos, como uma espécie de “quem sou e o que faço”. Acreditamos ser importante que o maior número de pessoas possível tenha acesso ou, pelo menos, conhecimento do que é produzido na Universidade e por quem.

Nosso primeiro personagem é o professor **Marcelo Carmo Rodrigues**, graduado em Turismo pela Faculdade de Turismo de Santos Dumont (MG), mestre em Comunicação pela Faculdade de Comunicação da UFJF e doutor em Sociologia pela Universidade Sorbonne - Paris Descartes. Atuando no ICH desde 2003, ele coordena, para além das funções de ensino, pesquisa e extensão diretamente relacionados ao turismo e ao instituto, a Semana Rainbow da UFJF, uma das ações do projeto de extensão “Identidades, cidadania e inclusão LGBTQ+”, que hoje já conta com três bem-sucedidas edições. A última, realizada entre os dias 5 e 18 de agosto de 2019, contou com shows, concurso fotográfico, peças teatrais, rodas de conversa, oficinas, lançamento de livros, seminários, exposições de artes visuais, entre outras atividades abertas a toda comunidade.

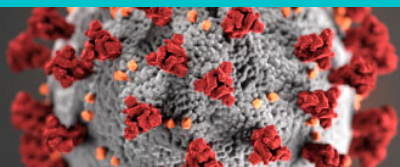


Professor Marcelo Carmo Rodrigues.
Foto: Géssica Leine/UFJF

Rodrigues também coordena projetos de extensão voltados para a gastronomia, desenvolvendo, assim, pesquisas diretamente relacionadas a este campo, ao campo do turismo e de gênero e sexualidade. Em entrevista ao informativo, contou que, por ambos os projetos envolverem prática e “aglomerações”, ele e os integrantes estão tentando pensar em outros formatos para que eles aconteçam mesmo neste momento de isolamento social. Relatou, ainda, que as transformações ocorrendo na sociedade e, sobretudo, no setor de turismo, contribuem para o surgimento de novas possibilidades de pesquisa.

Questionado sobre o desafio de produzir ciência no contexto sociopolítico atual, o professor é enfático: “Esta crise política nos adoece, mas, ao mesmo tempo, não podemos esmorecer, pois, na perspectiva de ‘transformar o limão em limonada’, talvez a sociedade esteja entendendo a importância da pesquisa, das instituições de ensino e do conhecimento científico.”

Texto de Carolina Doro



COVID-19

OPINIÃO

"Benefícios para a natureza propiciadas pela quarentena devem se esvaír em maior ou menor tempo", analisa professor

Leonardo Carneiro

Em entrevista ao informativo, o geógrafo afirma que as mudanças só serão efetivas se a sociedade mudar os níveis de consumo e as formas de produção

O planeta está diferente em 2020. Chefes de estado preocupam-se com a economia e com o número de mortes causadas pela Covid-19. O distanciamento social e a imprevisibilidade de quando tudo vai "voltar ao normal" deixam as pessoas angustiadas e com medo do que ainda está por vir. Mas apesar do cenário caótico gerado pela pandemia do novo coronavírus, ao menos um efeito positivo se destaca: a recuperação da natureza em virtude da diminuição da poluição.

Com a suspensão das atividades de muitas empresas, a redução de viagens aéreas e do trânsito nas ruas, houve uma significativa redução na produção de lixo e de queima de combustíveis fósseis, o que possibilitou que mudanças no meio ambiente fossem rapidamente notadas. O primeiro impacto significativo foi na China. Segundo informações da BBC Brasil, houve queda de pelo menos 25% nas emissões de CO₂. Além disso, outras notícias viralizaram nas redes sociais, como a do Canal de Veneza, que possuía águas turvas devido a grande circulação de gôndolas de turistas, mas que com a diminuição do fluxo, voltou a ter águas cristalinas e os peixes que ali habitavam voltaram a ser vistos.

Na Índia, com a melhora do ar e a diminuição da poluição, a cordilheira do Himalaia foi vista pelos moradores da região de uma distância de 200 km, fato que não acontecia há 30 anos. Além disso, animais silvestres como javalis, macacos e veados, têm sido vistos tomando ruas desertas de cidades na Tailândia, no Japão e na Itália.

Em vista disso, muitos questionamentos estão sendo levantados a respeito destes impactos positivos na natureza. Para refletir se essas mudanças apresentam um caráter permanente ou passageiro e sobre outras possíveis transformações no comportamento humano e na sociedade, conversamos com o professor do Departamento de Geociências e vice-diretor do Instituto de Ciências Humanas, Leonardo Carneiro.

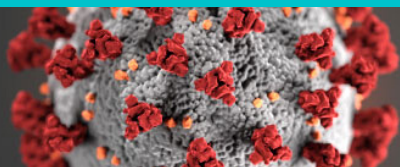
De acordo com o professor, é natural que a diminuição da circulação de pessoas, de mercadorias e de demais atividades em escala global cause menor emissão de gases poluentes como o CO₂, o que não quer dizer que essas mudanças sejam permanentes. "Essas consequências me parecem ser efêmeras se considerarmos apenas os efeitos da pandemia (e a consequente quarentena) da Covid-19. Tudo isso deverá se esvaír em maior ou menor tempo. Algumas mudanças talvez possam perdurar após o 'fim' da pandemia: um maior cuidado dos transeuntes em relação à assepsia em lugares públicos, maior cuidado da saúde pública em diversos países, dentre outros", pondera.

Entretanto, Carneiro apresentou um ponto de vista menos otimista em relação à quarentena. Segundo ele, com a facilidade de transmissão do vírus as pessoas se sentiram encorajadas a utilizar o transporte privado ao invés dos transportes públicos, o que aumentaria a emissão dos GEEs (gases do efeito estufa), contribuindo para o aquecimento do planeta.

Quando questionado sobre possíveis mudanças na forma de manter as indústrias funcionando sem que o alto padrão de emissão de CO₂ seja retomado, ele explicou que não se trata de encontrar novos métodos de produzir de forma sustentável, mas sim de uma mudança nos níveis de consumo e nas formas de produção da sociedade. Caso isso não ocorra, "continuaremos a viver em um mundo com alto grau de entropia e, portanto, com alto grau de problemas ambientais".

Por falar em consumo, para alguns, a quarentena gera reflexões sobre a adoção de novas práticas mais "conscientes". Sobre isso, o professor discorre: "Parceiros de trabalho e amigos têm me contado sobre como as compras de alimentos feitas diretamente de produtores rurais, sobretudo agroecológicos, têm aumentado com a quarentena, a partir da entrega de cestas em domicílio, através de algumas associações. Então, pode ser que algumas pequenas mudanças venham a ocorrer. Não acredito que isso deva ser um efeito que consiga mudar hábitos pessoais em larga escala, porém, pequenas mudanças podem, quem sabe, aos poucos impulsionar movimentos sociais e econômicos de forma mais integral, ruminando os ditames moderno-coloniais sobre os quais vivemos."

Texto de Lavínia Sant'Anna



COVID-19

PESQUISA

Pesquisa do Núcleo de Estudos sobre Política Local investiga medidas adotadas por municípios brasileiros no combate à Covid-19

Conduzido pela professora Marta Mendes da Rocha, estudo busca entender como os governos municipais têm trabalhado para conter o avanço e os impactos sociais e econômicos da pandemia

Com graduação em História e mestrado e doutorado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Marta Mendes da Rocha atua no Instituto de Ciências Humanas (ICH) desde 2011, onde foi coordenadora do curso de Ciências Sociais entre 2014 e 2017 e é membro permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCSO) desde 2013. Em entrevista ao Fala ICH!, a cientista política falou brevemente sobre sua trajetória profissional, as mais recentes pesquisas e ações do Núcleo de Estudos sobre Política Local (Nepol), e refletiu sobre a necessidade de mobilizar a população para a defesa da universidade pública e os desafios atuais da produção científica no Brasil. Confira abaixo.

Fala ICH! - Marta, muito obrigada por ter aceitado participar da primeira edição do nosso informativo. Para começar, gostaria que contasse como se deu seu interesse pela pesquisa científica e quais são suas atividades neste âmbito atualmente.

Marta Mendes - Agradeço pelo convite e fico feliz em contribuir! Meu envolvimento com pesquisas começou no mestrado e desde então sempre estive

envolvida em algum projeto de pesquisa como membro de equipe ou coordenadora. Participei de pesquisas com elites parlamentares (deputados federais e estaduais) na UFMG e na UFJF coordenei uma pesquisa com 422 vereadores em 44 municípios de Minas Gerais, projeto que contou com financiamento da Fapemig e do CNPq.

Na UFJF, coordeno o Núcleo de Estudos sobre Política Local (Nepol), vinculado ao PGCSO. Atualmente coordeno duas pesquisas no âmbito do núcleo. Uma delas é intitulada "Representação política e intermediação de interesses: um estudo sobre o papel dos brokers" e tem como objetivo investigar o clientelismo a partir dos atores que fazem a mediação das relações entre eleitores e políticos. Também objetiva investigar as relações entre políticos em diferentes esferas de governo (deputados e prefeitos, por exemplo) que giram em torno da distribuição particularista de benefícios. O projeto tem apoio da Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa e da Fapemig.

Outra pesquisa iniciada no último mês de março é voltada para a investigação das medidas adotadas pelos municípios brasileiros no combate à Covid-19. Queremos entender o que os municípios têm feito para conter o avanço da pandemia e para mitigar seus impactos sociais e econômicos, com que velocidade ofereceram as primeiras respostas à crise, e analisar o impacto das diferentes estratégias.

Além disso, o Nepol iniciou uma série de artigos intitulada "Os governos municipais frente ao coronavírus", em que todos os dias publicamos em nosso

COVID-19

PESQUISA

site (nepolufjf.wordpress.com) artigos de cientistas sociais, pesquisadores e pesquisadoras abordando as medidas adotadas pelos governos locais nas cinco regiões do país.

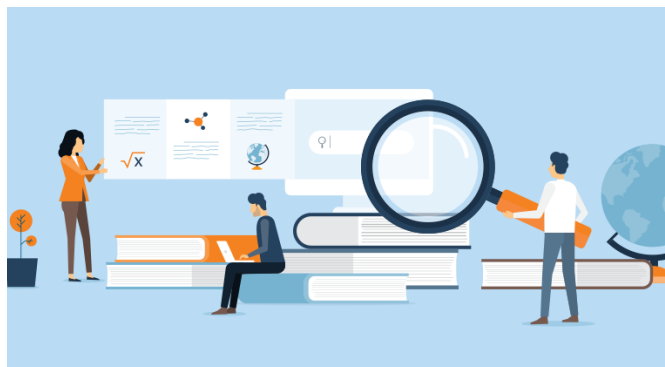


Imagem: autor desconhecido

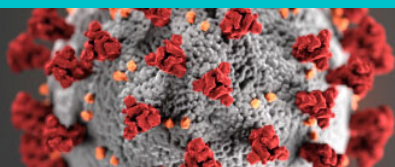
Explique um pouco mais sobre a pesquisa sobre as ações de enfrentamento de municípios à Covid-19.

O objetivo da pesquisa é produzir conhecimento sobre as ações e medidas adotadas pelos governos municipais no combate ao novo coronavírus no Brasil, de modo a subsidiar, no curto e no médio prazo, a tomada de decisões dos gestores públicos voltadas para a contenção do avanço da doença e para a mitigação de seus impactos sociais e econômicos. Mesmo antes da confirmação do primeiro caso de contaminação por coronavírus no Brasil os governos municipais começaram a tomar providências de gerenciamento de emergência. Muitos prefeitos fizeram amplo uso de suas prerrogativas constitucionais, ocorrendo, entretanto, muitas variações. Passados dois meses da confirmação do primeiro caso de contaminação, é possível perguntar: quais foram as medidas tomadas pelos governos municipais? Por que alguns agiram mais rápido e de forma mais assertiva

do que outros? Por que alguns foram mais restritivos e abrangentes nas medidas adotadas? Quais foram as principais dificuldades enfrentadas pelos municípios? Que impactos as diferentes ações e medidas adotadas pelos governos municipais terão na mitigação da pandemia? Estas são as principais questões que orientam a pesquisa.

Produzir ciência no Brasil é, ainda, um grande desafio. Como você analisa o cenário para a produção científica no campo das Ciências Humanas, especificamente dentro das universidades públicas?

As condições para a pesquisa científica no Brasil nunca foram as melhores. Além dos problemas de subfinanciamento, os pesquisadores tem que lidar com muita burocracia e muitas tarefas administrativas que subtraem tempo e energia que poderiam ser direcionados para a investigação. Nos últimos anos, essa situação piorou muito, principalmente para a área de Humanas e, especificamente, Ciências Sociais. Há um esforço deliberado do governo em desmoralizar os pesquisadores dessas áreas, boicotar seu trabalho por meio de cortes no financiamento, perseguição, censura e intimidação. Há ameaça e desrespeito à autonomia universitária. As universidades públicas estão no alvo; o governo e determinados grupos sociais trabalham diuturnamente para difundir a ideia de que as universidades são ineficientes, não produzem conhecimento "útil", são um fardo para a sociedade. Há grupos econômicos muito



COVID-19

PESQUISA

poderosos interessados na privatização do ensino superior no Brasil. Tudo isso produz um ambiente de muita incerteza, enorme estresse para alunos, professores e servidores em geral, frustração, enfim, há muitos custos psicológicos. A resposta que podemos dar é continuar trabalhando, nos esforçando para divulgar cada vez mais as nossas ações, dialogar com a sociedade, criar pontes com a comunidade, mas sempre na defesa intransigente da universidade pública, gratuita e de qualidade. A UFJF, nos últimos anos, tem feito um trabalho muito interessante neste sentido, se esforçando por uma maior comunicação com a comunidade e para desconstruir a falsa ideia da universidade como um espaço elitizado. A universidade nunca foi tão plural e inclusiva, o que é resultado de políticas de ação afirmativa adotadas nas últimas décadas. As pessoas precisam enxergar isso de modo que estejam dispostas a se mobilizar em defesa da universidade, da educação, da ciência e da pesquisa.

Entrevista feita por Carolina Doro

AS SALAS TÊM NOME

Conheça um pouco da história de personagens que dão nome às salas de aula do Instituto de Ciências Humanas. Nesta edição, saiba mais sobre a sala **C-I-06: Marcella María Althaus-Reid**, uma das principais referências nos estudos da teologia da libertação e das teorias feminista e queer.



Foto: autor desconhecido

Marcella María Althaus-Reid nasceu em Rosário, na Argentina, no dia 11 de maio de 1952, mas cresceu em Buenos Aires. Enquanto membro da Igreja Metodista Evangélica da Argentina, desenvolveu projetos sociais e comunitários em bairros pobres de Buenos Aires, guiada pela metodologia de Paulo Freire. Devido à sua experiência e realizações nesse sentido, foi convidada para ir à Escócia, onde trabalhou nos bairros de Dundee e Perth, coordenando projetos inspirados na pedagogia da libertação de Freire.

Sua tese de doutorado, concluído em 1994 na Universidade de St. Andrews, na Escócia, tratou da influência de Paul Ricoeur na metodologia da teologia da libertação.

Posteriormente, foi a primeira mulher nomeada professora de teologia no New College, Universidade de Edimburgo.

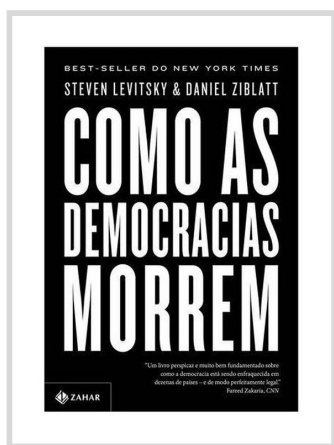
Althaus-Reid ganhou maior notoriedade pelas polêmicas despertadas pelo provocador *Indecent Theology* (2000). Segundo a autora, a "Teologia Indecente" é como "levantar as saias de Deus".

"A Bíblia está cheia de metáforas sexuais. O cristianismo vem de uma metáfora sexual - um Deus que tem amores com uma mulher e dessa relação amorosa nasce Cristo. Sai tudo de uma matriz sexual que querem sempre dessexualizar. [...] Então, em vez de rechaçar a metáfora sexual, eu brinco com ela. Minha proposta é pensar uma fé e uma teologia a partir de experiências sexuais diferentes. Não a dos gays, ou a das lésbicas, ou a dos travestis, mas a partir da Teoria Queer, uma espécie de guarda-chuva que abriga toda a diversidade sexual. Minha teologia não é sobre igualdade, é sobre diferença", explicou, em entrevista à jornalista Eliane Brum, em 2004.

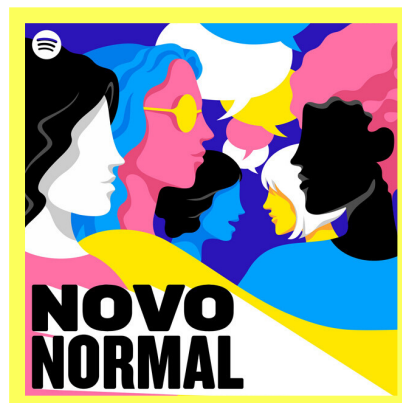
Althaus-Reid morreu em 20 de fevereiro de 2009 aos 56 anos, em Edimburgo, onde vivia desde 1986. Na época de sua morte, era diretora da Associação Internacional de Teologia Queer e diretora do Projeto de Teologia Queer da Universidade de Edimburgo. Ainda nos últimos anos de sua vida, trabalhou com o teólogo argentino Ivan Petrella para divulgar a teologia da libertação nos países de língua inglesa.

Texto de Carolina Doro

PRA LER E OUVIR



Sinopse: Uma análise crua e perturbadora do fim das democracias em todo o mundo. Democracias tradicionais entram em colapso? Essa é a questão que **Steven Levitsky** e **Daniel Ziblatt** - dois conceituados professores de Harvard - respondem, ao discutir o modo como a eleição de Donald Trump se tornou possível. Para isso, comparam o caso de Trump com exemplos históricos de rompimento da democracia nos últimos cem anos: da ascensão de Hitler e Mussolini nos anos 1930 à atual onda populista de extrema-direita na Europa, passando pelas ditaduras militares da América Latina dos anos 1970. E alertam: a democracia atualmente não termina com uma ruptura violenta nos moldes de uma revolução ou de um golpe militar; agora, a escalada do autoritarismo se dá com o enfraquecimento lento e constante de instituições críticas - como o judiciário e a imprensa - e a erosão gradual de normas políticas de longa data.



Novo Normal é um podcast do blog *Agora é Que São Elas* em parceria com o Spotify Studios. Todas as segundas-feiras Antonia Pellegrino e Manoela Miklos recebem mulheres de diferentes pontos do espectro sócio-político para conversarem sobre temas em destaque no Brasil e no mundo.



O podcast **Café Brasil** trata de comportamento, cidadania, política e cultura, misturando o melhor da Música Popular Brasileira com reflexões do apresentador, o escritor e palestrante Luciano Pires.

FALA ICH!

Um projeto da equipe de comunicação do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), composta pelas alunas da Faculdade de Comunicação (Facom) Carolina Doro e Lavínia Sant'Anna, junto à administração institucional.

Supervisão: Robert Daibert Jr. e Sílvia Regina Netto, diretor e secretária do Instituto de Ciências Humanas.

Contato: comunicacao@ich.ufjf.br

CONTATOS IMPORTANTES

Recepção ICH: recepcao.ich@ufjf.edu.br / (32) 2102-3101

Secretaria ICH: secretaria.ich@ufjf.edu.br / (32) 2102-3102

Secretaria dos Programas de Pós-graduação do ICH: posgraduacao.ich@ufjf.edu.br / (32) 2102-6321

Biblioteca ICH: biblioteca.ich@ufjf.edu.br / (32) 2102-6457/6374

Centro de Psicologia Aplicada (CPA): cpa.psicologia@ufjf.edu.br / (32) 3216-1029